

**A MORTE DE ANA BOLENA, RAINHA DE INGLATERRA  
O TESTEMUNHO DE UM PORTUGUÊS EM LONDRES**  
THE DEATH OF ANNE BOLEYN, QUEEN OF ENGLAND  
THE TESTIMONY OF A PORTUGUESE IN LONDON

ANA ISABEL BUESCU  
Universidade NOVA de Lisboa, FCSH  
aib@fcsh.unl.pt  
<https://orcid.org/0000-0002-5938-8463>

Texto recebido em / Text submitted on: 11/05/2022  
Texto aprovado em / Text approved on: 06/01/2023

**Resumo:**

Em 19 de Maio de 1536 a rainha Ana Bolena, 2ª mulher de Henrique VIII, foi decapitada na Torre de Londres, acusada de traição, adultério, incesto e feitiçaria. Dois dias antes tinham sido supliciados cinco cortesãos igualmente condenados por traição ao rei, entre os quais o irmão da rainha. Estes trágicos acontecimentos culminavam um tumultuoso processo político e diplomático iniciado em 1527, quando Henrique VIII solicitou à Santa Sé a declaração de nulidade do seu casamento com Catarina de Aragão, decisão que precipitou a ruptura com Roma e conduziu à fundação de uma nova Igreja da qual o chefe supremo era o próprio monarca. Estes acontecimentos foram testemunhados por um português em Londres. Do conjunto de cartas que se sabe ter enviado a um nobre em Portugal, uma delas, que aqui publicamos, relata circunstanciadamente a morte de Ana Bolena, testemunho inédito, e um dos mais completos testemunhos coevos de um momento-chave da história de Inglaterra.

**Palavras-chave:**

Ana Bolena; Henrique VIII; carta-memorial; Portugal; século XVI.

**Abstract:**

On 19th of May, 1536, Queen Anne Boleyn, second wife of Henry VIII, was beheaded at the Tower of London, accused of treason, adultery, incest and witchcraft. Two days earlier, five courtiers, including the queen's brother, were executed for treason against the king. These tragic events culminated a tumultuous political and diplomatic process that had begun in 1527, when Henry VIII asked the Holy See to declare his marriage to Catherine of Aragon null and void. This request would, in short order, result in a breach between England and Rome, and the creation of the Anglican Church - the English King at its head. These events were witnessed by a Portuguese in London. Of the set of letters that he is known to have sent to a nobleman in Portugal, one of them, which we publish here, gives a detailed account of Anne Boleyn's death, an unpublished Portuguese testimony, and one of the most complete, of a key moment in the history of England.

**Keywords:**

Anne Boleyn; Henry VIII; memorial letter; Portugal; 16<sup>th</sup> century.

**Contextos**

No dia 19 de Maio de 1536, após ter sido presa no dia 2 e sujeita a julgamento sumário no dia 15, a rainha Ana Bolena, mulher de Henrique VIII, morreu no cadafalso na Torre de Londres, acusada de traição, adultério, incesto e feitiçaria. Dois dias antes, a 17 de Maio, tinham sido supliciados cinco cortesãos igualmente condenados por traição ao rei envolvendo a pessoa da rainha, entre os quais o próprio irmão de Ana Bolena, Jorge Bolena, visconde de Rocheford.

Estes trágicos acontecimentos eram o culminar de um tumultuoso processo político e diplomático – o «Great Matter» – como lhe chamava o próprio rei (Ives 2009: 109), que tivera o seu início em 1527, quando Henrique VIII decidiu solicitar à Santa Sé a declaração de nulidade do seu casamento com Catarina de Aragão, decisão que precipitou a ruptura com a Igreja de Roma e conduziu à fundação de uma nova Igreja da qual o chefe supremo era o próprio monarca. O encarregado deste delicadíssimo negócio foi o cardeal Thomas Wolsey (c. 1473-1530), então o homem de poder junto de Henrique VIII. A lentidão e a complexidade do processo, as pressões de Carlos V, sobrinho de Catarina de Aragão, sobre o Papa Clemente VII, no contexto das perturbações causadas pelo

saque de Roma pelas tropas imperiais em Maio de 1527, e os seus muitos inimigos e intrigas, entre os quais Ana Bolena e a sua facção, fizeram com que Wolsey fosse acusado de protelar as negociações, caindo em desgraça em 1529, depois de servir o rei durante 15 anos.

Despojado do cargo de *Lord Chancellor* em Outubro de 1529 e acusado de traição, Wolsey viu confiscadas as suas mais ricas propriedades e palácios, entre os quais Hampton Court, que se tornaria o mais emblemático lugar de poder de Henrique VIII. Em Novembro, o Parlamento acusou-o de 44 crimes, convocando-o para Londres para um julgamento a que certamente se seguiria a execução, destino para muitos dos inimigos, ou considerados como tal por Henrique VIII, sobretudo na fase mais tardia e sombria do seu reinado; mas Wolsey morreu a caminho de Londres, pensa-se que de causas naturais, em 29 de Novembro de 1530 (Weir 2008: 295-296).

Henrique VIII tomou o assunto entre mãos. Em 1531, o monarca declarou-se chefe supremo da Igreja em Inglaterra e em 1534, pelo *Act of Supremacy*, o Parlamento confirmou a independência da Igreja nacional inglesa, decisão crucial para a consumação da «revolução anti-papal» em marcha (Wilson 2016: 233). Nesse mesmo ano, sob controlo directo de Thomas Cromwell (c. 1485-1540), teve início o processo de supressão de conventos e mosteiros e o confisco dos bens da Igreja em favor da Coroa. A ideia terá começado a tomar forma logo em 1531 com o envio de visitantes para inspecionar os mosteiros e inquirir sobre a observação – ou não – da supremacia do rei sobre a Igreja. Não sendo seguro afirmar a data exacta da decisão régia, a compilação *Valor Ecclesiasticus*, datada de 1535, que reunia informação sistemática sobre a propriedade fundiária e os bens eclesiásticos para fins de taxaço foi fundamental para essa resolução. A dissolução dos mosteiros, que se iniciou pelas casas mais pequenas, foi executada sob a supervisão directa de Thomas Cromwell (*Henry VIII. Man and Monarch* 2009: 166-177).

Presos na Torre desde Abril de 1534, o bispo de Rochester, John Fisher (1459-1535), e o humanista e homem de Estado Thomas More (1478-1535), mantendo até ao fim a fidelidade à Igreja de Roma, foram decapitados em 1535, acusados de traição. Estas duas figuras simbolizavam uma resistência que se manifestou em todo o reino, na Igreja e fora dela, e que teve na *Pilgrimage of Grace*, liderada pelo advogado Robert Aske (1500-1537), proveniente de uma antiga família do Yorkshire, a sua face mais visível: uma série de rebeliões na região do Lincolnshire alastrando

ao Yorkshire, em que dezenas de milhares de revoltosos de condição social variada pediam a restauração dos mosteiros espoliados pelo rei, o castigo do ministro Cromwell e dos bispos heréticos, o reconhecimento de Maria, filha de Catarina de Aragão, como herdeira legítima do trono e do Papa como autoridade espiritual suprema. Henrique VIII mandou executar Aske por traição, assim como a muitos dos seus seguidores, em Julho de 1537. Foi, sem contestação, uma das mais graves crises do reinado de Henrique VIII, porventura de todo o século XVI em Inglaterra (Marshall 2009: 165).

Paralelamente, estava em marcha a fundamentação da nova doutrina, com a publicação da obra *De Vera Obedientia* de Stephen Gardiner (c. 1482-1555), bispo de Winchester, que fora secretário de Wolsey, a mais destacada e completa defesa da supremacia régia produzida no contexto da crise religiosa. Publicada em 1535, logo após a decapitação de Fisher e More, o livro construía a doutrina da obediência e da supremacia do rei em matéria religiosa, lançando os fundamentos da nova Igreja.

Embora todos estes acontecimentos testemunhassem uma violenta e traumática convulsão político-religiosa, que mudaria para sempre os destinos do reino, na sua génese a Reforma em Inglaterra fora um processo radicalmente distinto do clamor de reivindicação e de contestação religiosa que ocorria na Alemanha, cujo rosto foi Martinho Lutero a partir de 1517. Na verdade, convém evocar como Henrique VIII, católico devoto, fiel à Igreja de Roma e sensível às questões teológicas, fez questão de solene e publicamente assinalar a sua obediência à Santa Sé em 1521, ano da excomunhão e expulsão de Lutero e dos seus partidários da Igreja pela Bula *Decet Romanum Pontificem* do Papa Leão X, compondo em parte e fazendo publicar a obra anti-luterana *Assertio Septem Sacramentorum aduersus Martini Lutheri*, texto doutrinário que teve grande impacto na Europa, alcançando as 12 edições em latim e alemão em 1524.

O monarca enviou 30 exemplares à Cúria Romana, um deles ricamente iluminado para o Papa. Em retribuição, Leão X concedeu-lhe em Outubro de 1521 o ambicionado título de *Defensor Fidei*, com o qual o monarca inglês podia rivalizar com o «Católico» rei Fernando de Aragão e o «Très Chrétien» rei de França<sup>(1)</sup>. Meia-dúzia de anos depois, tudo mudava. Neste contexto, quer a *Assertio* quer o título de *Defensor Fidei* concedido

---

(1) Henrique VIII mandou cunhar uma medalha de prata comemorativa da obtenção do título em 1524, que no rosto ostenta a sua efígie e, no verso, a rosa Tudor e a inscrição

pelo Papa tornar-se-iam, nos anos 30, um embaraço para Henrique VIII (*Henry VIII. Man and Monarch* 2009: 105).

A questão da declaração de nulidade do casamento de Henrique VIII com Catarina de Aragão já com vista ao casamento com Ana Bolena esteve, pois, na génese de um processo que, pela evolução vertiginosa e radical dos acontecimentos, quase deixava na sombra o motivo central que o provocara; processo que em poucos anos, dominando por completo as dinâmicas da política interna e externa inglesa, daria um novo rosto político, social, económico e religioso a Inglaterra<sup>(2)</sup>, e enriquecia uma Coroa liderada por Henrique VIII, reformador e tirano (Wilson 2016).

### **Catarina de Aragão**

Casado desde 1509 com Catarina de Aragão (1485-1536), filha mais nova dos Reis Católicos e viúva do seu falecido irmão, Artur (1486-1502), príncipe de Gales, Henrique VIII (1491-1547) teve nos primeiros anos, de acordo com os seus biógrafos, um matrimónio harmonioso e correspondendo ao que era esperado de um casamento régio, ansiando sempre pelo nascimento de um filho varão que desse continuidade à monarquia (Hutchinson 2012: 129-131). A rainha engravidou pelo menos 6 vezes, mas sofreu um aborto e viu morrer um filho, Henry, em 1511, com menos de dois meses de idade, dando à luz três nados-mortos em 1513, 1514 e 1518; apenas uma filha – para crescente e indisfarçável desilusão do rei – Maria, nascida em 1516, sobreviveu. A ansiedade do monarca pela descendência masculina legítima<sup>(3)</sup> adensava-se, e o seu afastamento da rainha tornou-se um facto.

---

«*Defensor Fidei*». Atribuída ao artista alemão Hans Schwartz, Londres, British Museum, Dep. of Coins and Medals, M. 6787 e M.6788 (*Henry VIII. Man and Monarch* 2009: 105).

(2) «For good or ill, intentionally or not, his reign proved a turning point in English history. To his reign can be traced the roots of the Church of England, the seeds of the Irish Question, the birth of the English Bible, the founding of the Privy Council, and the principle of the omnicompetence of parliamentary statute. His reign saw the destruction of English monasticism, which had helped shape the society and landscape of England for nearly a millenium. As a result, it also witnessed the greatest shift in landholding since the Norman Conquest, and saw the landed wealth of the Crown itself reach its highest level ever. His reign, in short, saw something little less than a revolution» (Richard Rex 2011: 36).

(3) Henrique VIII teve um único filho ilegítimo reconhecido, com Elizabeth Blount, dama da rainha Catarina: Henry Fitzroy (1519-1536), mais tarde duque de Richmond e Somerset.

Em 1527, quando era já notória a sua ligação com Ana Bolena, Henrique VIII visitou a rainha a 22 de Junho para a informar, de forma abrupta, da sua decisão de solicitar ao Papa a declaração de nulidade do casamento e da sua intenção de casar de novo (Weir 2008: 274). Catarina de Aragão tinha então 42 anos de idade e passado, para os padrões da época, a idade fértil. Embora tivesse, por vários anos ainda, habitado os apartamentos régios e participado em cerimónias de corte de acordo com as convenções, a sua relação com Henrique VIII tornou-se crispada e difícil, nomeadamente pela sua inflexibilidade em aceder ou cooperar com os seus planos de dissolução do matrimónio, ou de abraçar a vida conventual para permitir um novo casamento do rei.

A última vez que viu o monarca foi em 11 de Julho de 1531 (*Henry VIII. Man and Monarch* 2009: 113). Repudiada e afastada da corte e da própria filha, sujeita a condições e exigências humilhantes<sup>(4)</sup> que suportou com dignidade, Catarina de Aragão, a quem o rei reconhecia apenas o título de *Dowager Princess of Wales*, mas que até ao fim se considerou mulher de Henrique VIII<sup>(5)</sup>, morreu em 7 de Janeiro de 1536 em Kimbolton House, sendo sepultada na Catedral de Peterborough no dia 29.

### *Anna Regina Angliae*<sup>(6)</sup>

Ana Bolena (1501?-1536) pertencia, por parte da mãe, à velha aristocracia inglesa. Filha de Sir Thomas Boleyn e da sua primeira mulher Elizabeth, filha do 2º duque de Norfolk, a vida de corte foi para ela uma experiência precoce e marcante. Na verdade, logo em 1513 foi enviada para a corte da Borgonha, então uma das mais sofisticadas

---

(4) Nomeadamente as questões relativas à consumação ou não do seu breve casamento com Artur, príncipe de Gales, cruciais para a fundamentação do pedido de declaração de nulidade do casamento junto da Santa Sé por Henrique VIII.

(5) Em 3 de Julho de 1533, Catarina de Aragão foi oficialmente informada do casamento do rei. Foi-lhe ordenado que abandonasse o seu título de rainha, o que recusou, sendo ameaçada com uma possível acusação de traição pelos enviados do rei. Na última carta que escreveu a Henrique VIII assinava «Katharine the Quene» (Weir 2008: 346 e 369). Embora a autenticidade desta carta tenha sido contestada, foi essa sempre a firme convicção de Catarina até à morte.

(6) Inscrição em letras vermelhas na capa da cópia de Ana Bolena do *Novo Testamento* de Tyndale, de 1534, hoje na British Library (Weir 2008: 337).

da Europa, sendo regente Margarida de Áustria (1480-1530)<sup>(7)</sup>, onde a jovem Ana aprendeu e interiorizou os comportamentos de corte, bem como a língua e os modos franceses. Em 1514 regressou a Inglaterra para integrar o séquito da princesa Maria (1496-1533), irmã de Henrique VIII, efémera rainha de França pelo seu casamento com Luís XII (1462-1515), regressando depois a Inglaterra. Em 1519 acompanhou provavelmente o seu pai como embaixador à corte de Francisco I e da rainha Cláudia, tornando-se dama muito estimada da casa da rainha de França. Regressou a Inglaterra apenas em 1522, fazendo então uma muito notada entrada na corte inglesa e integrando a casa da rainha Catarina.

Ana era a irmã mais nova de Maria Bolena (1499?-1543), que fora amante do monarca. Não sendo possível datar com precisão o início da afeição do rei, que cedo se envolveu em paixão, é certo que Ana, cuja aparência e beleza física foram, na época em que viveu – e ainda hoje – objecto de controvérsia (Spender 2015), atraía as atenções de Henrique VIII já em 1526 (Weir 2008: 262-263; Hutchinson 2012: 230), embora tenha resistido a seguir o exemplo da irmã tornando-se amante do rei. Incontestáveis eram, porém, uma educação requintada, o domínio de códigos e etiquetas de vida na corte, o seu encanto, sofisticação, inteligência, personalidade e ambição<sup>(8)</sup>.

No início de Janeiro de 1527, o rei obteve de Ana Bolena a garantia de que, conseguindo a declaração de nulidade do seu matrimónio pela Igreja de Roma, se casaria com ele, condição por ela imposta, mais por ambição do que por virtude (Weir 2008: 262) para, além do coração, lhe entregar o corpo (Starkey 2002: 75-76). Foi, verdadeiramente, o ponto de viragem (Ives 2009: 107-109). O monarca desencadeou o pedido de declaração de nulidade junto da Santa Sé, num processo em crescendo até à ruptura; Ana Bolena aguardava, movimentando-se também activamente nos bastidores, entre apaniguados e inimigos, o dia em que seria rainha de Inglaterra.

Em 1529 a sua presença junto de Henrique VIII era constante e tinha já uma aura régia: ocupava a cadeira da rainha em cerimónias públicas envergando sumptuosos vestidos de cor púrpura, reservados à realeza,

---

(7) Filha do Imperador Maximiliano (1459-1519) e de Maria de Borgonha (1457-1482), irmã de Filipe o Belo (1478-1506), que casou com Joana (1479-1555), filha dos Reis Católicos.

(8) Um excelente e completo retrato de Ana Bolena é sumariado por David Starkey (2002: 72-81) e por Alison Weir (2008: 262-267).

oferecidos pelo monarca. Catarina, por seu turno, já pouco abandonava os seus aposentos, embora continuasse a avistar-se com o rei (Weir 2008: 300). Em Outubro de 1532, nobilitada com o título de marquesa de Pembroke, Ana Bolena viajou até Calais com Henrique VIII, que ia encontrar-se com o rei de França, Francisco I. Nessa ocasião, ostentou orgulhosamente as jóias oficiais das rainhas de Inglaterra, que o rei forçara Catarina de Aragão a entregar-lhe (Weir 2008: 327; Hutchinson 2012: 249).

O casamento de Henrique VIII com Ana Bolena ocorreu em data incerta, que alguns historiadores datam de 14 de Novembro de 1532, embora Thomas Cranmer, arcebispo de Cantuária, fiel seguidor da supremacia régia e máximo dignitário da nova Igreja, referisse numa carta que a cerimónia ocorrera privadamente por alturas da festa da conversão de S. Paulo, a 25 de Janeiro de 1533 (Weir 2008: 332). A sua coroação solene e feérica como rainha de Inglaterra realizou-se no dia 1 de Junho de 1533.

O desejo de gerar um varão tornara-se, ao longo dos anos, uma obsessão para o monarca. Quando em 7 de Setembro de 1533 Ana Bolena deu à luz uma filha, Isabel, a desilusão de Henrique VIII foi grande e pública; as justas e festas previstas foram canceladas, e o monarca não assistiu sequer ao baptizado da criança, nem nunca se quis retratar com ela, ao contrário do que sucederia com o seu varão Eduardo (1537-1553), filho de Jane Seymour (Tucker 1991: 257). E, tal como Catarina, Ana não conseguiu dar um filho varão a Henrique VIII, sofrendo vários abortos, o último dos quais em Janeiro do fatídico ano de 1536, já o monarca tinha os seus olhos postos noutra dama da casa da rainha, Jane Seymour (c. 1508-1537).

### **Queda em desgraça, julgamento e morte**

Se a sua ligação com o monarca inglês durou vários anos, a condição de Ana Bolena enquanto «Regina Angliae» foi singularmente curta e terminou abrupta e tragicamente. Os historiadores concordam em que a crescente frustração de Henrique VIII perante a ausência de descendência masculina foi um factor determinante – embora não único – da decisão régia<sup>(9)</sup>.

---

(9) «The roots of this crisis [...] lay in the King's marital affairs. Henry's second marriage, so long in the making, proved short in happiness. Not only did it fail to produce the longed-for male heir, but also Anne's proud and abrasive character soon became intolerable to her husband. Within a year of the wedding relations had soured and by 1535 the problems were notorious» (Starkey 2002: 87-88).

Num ambiente de intensa intriga e luta de facções no coração da corte, onde todos os protagonistas se movimentavam e onde tudo se jogou, Thomas Cromwell, *Lord Chancellor* desde 1532 e a figura de maior influência política junto do rei teve, uma vez mais, uma actuação determinante e implacável ao construir o caso contra a rainha e ao fazer cumprir os desígnios e a vontade do monarca que levaram ao trágico fim de Ana Bolena, a cuja facção em tempos pertencera, antes de ele próprio cair em desgraça e ser decapitado em 1540 (Starkey 2002: 99)<sup>(10)</sup>. Henry Norris, Francis Weston, William Brereton eram homens com posições de destaque na corte henriquina, e muito próximos do rei, pois todos eles integravam o *Privy Chamber*, distinção sempre muito disputada por todos os cortesãos, pelo acesso directo e diário ao monarca (Starkey 1987; Weir 2008: 96-97); Henry Norris era ainda camareiro-mor de Henrique VIII, e Mark Smeaton músico da corte. Por seu turno o irmão da rainha, Jorge (c. 1504-1536), visconde de Rocheford, era uma estrela em ascensão. Apresentado na corte pelos 10 anos de idade, onde entrou como pajem, apesar da sua juventude forjou uma fulgurante trajectória como cortesão, político, orador e diplomata, ganhando a confiança e sendo muito estimado por Henrique VIII.

O curto e rápido processo judicial a que Ana, o seu irmão e os restantes conspiradores aos olhos do rei foram sujeitos foi protagonizado por um conjunto de juízes que, no caso de Ana e de Jorge, dada a sua condição social, integrou apenas nobres, entre os quais o próprio tio da rainha, Thomas Howard, 3º duque de Norfolk, que presidiu ao julgamento sumário em representação do rei<sup>(11)</sup>. Testemunhos presenciais como o

---

(10) De origens humildes, filho de um ferreiro de Putney, jurista de formação, subiu na corte graças ao Cardeal Wolsey. *Lord Chancellor* em 1532, após o abandono do cargo por Thomas More, foi a personagem da mais alta confiança de Henrique até 1540. Cromwell foi «o» conselheiro do rei por excelência, eclipsando todos os outros pela audácia das suas intuições políticas. Notável administrador e político astuto e ambicioso, esteve nos bastidores do pedido de nulidade do casamento com Catarina de Aragão, apoiou o partido de Ana Bolena mas teve depois um papel-chave na sua queda, na ruptura da Igreja de Inglaterra com Roma e na dissolução dos mosteiros. Acusado de heresia, foi decapitado em 1540.

(11) «[...] there were made benches and seats for the lordes, my Lord of Northfolke sittinge under the clothe of estate, representinge there the Kinges person as Highe Steward of Englande and uncle to the Queene, he holdinge a longe white staffe in his hande, and the Earle of Surrey his sonne and heire, sittinge at his feete before him holdinge the golden staffe for the Earle Marshall of Englande, which sayde office the saide duke had in his handes; the Lord Awdley Chauncellour of England, sittinge on his right hande, and the Duke of Suffolke on his lefl hande, with other marqueses, earles, and lordes, everie one after their degrees» (Wriothesley 1875: 37).

embaixador imperial Eustace Chapuys sublinharam o brilhante discurso de auto-defesa de Jorge, que não foi porém suficiente para o ilibar, sendo condenado por unanimidade pelos juízes. Apenas Mark Smeaton, jovem músico da casa da rainha, confessou os crimes de que era acusado, certamente sob tortura; todos eles se viram condenados à pena capital.

Os julgamentos dos seis implicados, se bem que fazendo parte de um todo, ocorreram separadamente. Como assinalámos, Ana e o irmão foram presos no dia 2 de Maio, julgados e condenados no dia 15; no dia 12, o mesmo sucedera com os quatro cortesãos. As execuções ocorreram também em dias diferentes: os cinco homens foram supliciados 4<sup>a</sup> feira, 17 de Maio, e a rainha na 6<sup>a</sup> feira, 19 de Maio. A acusação central de alta traição e de conspiração para matar o rei para sustentar a execução da rainha foi a de adultério, cometido com todos eles e até com o seu irmão, o que acrescentava a infâmia do incesto aos crimes de traição ao rei. Mas também a acusação de feitiçaria recaiu sobre Ana Bolena, numa época em que por toda a Europa, e também em Inglaterra e na Escócia, o imaginário das bruxas povoava muitos espíritos e recrudescia a perseguição da feitiçaria, poderoso argumento anti-feminino por parte dos poderes (Muñoz Páez 2022: 215-230)<sup>(12)</sup>.

Na manhã do dia 19 de Maio de 1536 Ana Bolena foi decapitada. Dois dias antes, a 17 de Maio, o Arcebispo de Cantuária, Thomas Cranmer, anulou o seu casamento com Henrique VIII, o que reduzia a única filha de ambos, a pequena princesa Isabel, à condição de bastarda do rei, como sucedera com a princesa Maria, filha de Catarina de Aragão (Marshall 2009: 164). No dia 30 de Maio, Henrique VIII casou em cerimónia privada com Jane Seymour. Em 23 de Junho faleceu o então único filho varão de Henrique VIII, Henry Fitzroy, nascido da sua relação com Elizabeth Blount. Prestes a cumprir os 45 anos de idade, Henrique VIII via-se sem qualquer herdeiro legítimo.

## **O testemunho de um português em Londres**

Estes acontecimentos tiveram um largo impacto na Europa, que assistiu a um dramático processo judicial, à decapitação de uma rainha e, em poucos anos, à ruptura da monarquia inglesa com a Santa Sé. As

---

(12) O crime de feitiçaria só seria abolido em França em 1682 e em Inglaterra em 1736.

suas ondas de choque, com implicações europeias, far-se-iam sentir durante décadas, polarizadas agora, após a morte do jovem Eduardo VI (1537-1553), que sucedera a Henrique VIII, em torno das duas figuras femininas e da luta pelo trono inglês: Maria, católica, rainha de 1553 até à sua morte em 1558, anos tormentosos de conflito político e religioso, que no mundo católico gerou a expectativa de uma restauração do catolicismo no reino, a ponto de Carlos V determinar o casamento do seu filho e sucessor Filipe com a rainha inglesa. Em Portugal, foram também intensas as movimentações perante a subida ao trono da rainha católica: em particular, o matrimónio de Filipe das Astúrias com Maria Tudor desencadeou um profundo sentimento de agravo na corte portuguesa<sup>(13)</sup>; e Isabel, que sucedeu a Maria e reinou até 1603, e que durante o seu longo reinado não só consolidou a confissão anglicana e o protestantismo em Inglaterra<sup>(14)</sup> como lançou o seu país e uma Coroa enriquecida na luta pela hegemonia nos mares contra Filipe II.

Mas voltemos a 1536. O documento que publicamos surge num códice do século XVI, originalmente intitulado *Collecção de cartas e Papeis curiosos*, procedente de Alcobaça<sup>(15)</sup>, e consiste numa carta-memorial datada de 10 de Junho de 1536 relatando os dramáticos sucessos de Maio desse ano, e que tem o particular interesse de, como pensamos, ser um testemunho presencial dos acontecimentos. Não existem elementos que permitam identificar quer o autor quer o destinatário desta missiva; mas as suas

---

(13) Um duplo agravo, uma vez que não só estava praticamente concluído o casamento de Filipe das Astúrias com a infanta D. Maria, irmã de D. João III, como D. João III enviava, também no ano de 1553, Lourenço Pires de Távora como seu embaixador a Inglaterra para tentar o casamento do infante D. Luís com a mesma Maria Tudor (Buescu 2007: 309-310). Essas diligências do rei português constam de minuciosas instruções dadas ao seu embaixador: *Papeis da embaixada de Inglaterra e da jornada de Castela sobre a ida da infanta D. Maria, com outros varios, todos do tempo do senhor Lourenço Pires de Távora*, fols. 1-14. ANTT, PT/TT/CF/053, consultado em 7/5/2022.

(14) Henrique VIII mostrou-se sempre conservador em matéria religiosa e, dados os contornos específicos da ruptura com Roma, os progressos do protestantismo em Inglaterra só se tornaram decisivos nos reinados de Eduardo VI (1547-1553) e de Isabel I (1558-1603). Como sintetizam Rice e Grafton, «Except for the rejection of papal supremacy, the official teaching of the Anglican Church during Henry's reign remained Catholic in every important respect» (Rice e Grafton 1994: 200).

(15) BNP, «Carta que mandou hum homem de Ingraterra: a hum Senhor de Portugal em que diz a maneira em que a Rainha e alguns gentishomens foram deguolados», in *Orações proferidas em actos públicos, cartas de reis, príncipes e outras personalidades da história...* [1526-1575]. - [5], [219] f. digitalizado a partir de: ALC. 297, fol. 138v -139v. Antigo códice ALC. 475, com o título *Collecção de cartas e Papeis curiosos*. V. *infra*, nota 23.

primeiras linhas mostram que era dirigida a um nobre português por alguém que então residia em Londres. Mais significativo ainda, não se tratava de uma carta avulsa, mas vinha no seguimento de outras que o anónimo autor enviara ao mesmo senhor sobre o processo, julgamento e sentença da rainha de Inglaterra: «Avendo nos dias passados larguamente escrito a Vossa Senhoria de que maneira foram achadas as culpas da Rainha d'Ingraterra e a sorte da pena com que o Conselho del Rei julgou que ella morresse [...]» (fol. 138v).

Ou seja: alguém de elevada condição em Portugal queria e estava a ser circunstanciadamente informado dos acontecimentos que tinham lugar no coração do poder em Inglaterra; para poder satisfazer esse desiderato, o seu interlocutor em Londres era alguém que seguia a par e passo os acontecimentos, de que dera «larguamente» conta em anteriores missivas, o que sugere uma proximidade com a corte em Inglaterra. Notoriamente, o anónimo autor era letrado, escrevendo com fluência e desenvoltura, construindo uma narrativa clara, informada e objectiva, com conhecimento do processo que conduzira os condenados ao cadafalso. De tudo isso dera, como afirma, notícia em cartas anteriores. Agora, em 10 de Junho, menos de um mês após as execuções de 17 e 19 de Maio, tratava-se de descrever com pormenor e tão fielmente quanto possível aquele «cruel auto da justiça» (fol. 138v).

Não sabemos as circunstâncias da sua estada em Londres, qual a relação com o nobre português que tão diligente e pormenorizadamente mantinha informado dos acontecimentos, ou se tinha algum tipo de proximidade formal ou outra com a corte inglesa, eventualmente de natureza diplomática, actividade que, no século XVI, se tornava cada vez mais imprescindível à prática política dos Estados em toda a Europa, e também em Portugal. Durante o reinado de D. João III (1521-1557), como nota Pedro Cardim, «a corte portuguesa terá organizado perto de sete dezenas de missões, nas quais estiveram envolvidos mais de cinquenta dignitários da nobreza cortesã, mas também juristas, todos eles como líderes de missão. A este número há que juntar, evidentemente, os efectivos que sempre integravam as comitivas dos embaixadores, e ainda os vários agentes e informadores mais ou menos sigilosos de que a corte portuguesa dispôs ao longo deste período» (Cardim 2004: 639). Sabendo que, precisamente a partir dos anos 30 do século XVI, as relações de Portugal com Inglaterra, apesar de ainda insuficientemente estudadas, se intensificaram, servindo D. João III em Londres, em diferentes períodos

do seu reinado, figuras como Lourenço Pires de Távora, André Soares, o jurista Gaspar de Figueiredo, João Rodrigues Correia ou Diogo Lopes de Sousa (Cardim 2004: 654-655), não é impertinente pensar que o autor da carta pudesse estar relacionado com estes círculos.

Voltando à carta-memorial, o teor da sua narrativa é de grande rigor factual, sugerindo em muitos passos uma observação directa dos acontecimentos: desde logo, na referência e descrição do lugar de parte das execuções, a *Tower Hill*, local de execução da Torre de Londres para os prisioneiros de mais elevada condição; os dias da semana e do mês das execuções e a identificação dos supliciados<sup>(16)</sup> estão correctos; muitos pormenores de vária ordem parecem sugerir que assistiu *in loco* às decapitações. Em particular, o discurso de Jorge Bolena, que se sabe ter sido longo e especialmente impactante, proferido em voz alta e distinta «diante de toda a cidade que estava presente» (fol. 138v) antes de sofrer a morte, ocupa um lugar de relevo na carta, e é muito próximo das fontes coevas inglesas que o registaram, como é o caso da obra *A Chronicle of England during the Reigns of the Tudors from A.D. 1485 to 1559*, da autoria de Charles Wriothesley († 1562), apenas publicada em 1875 (Wriothesley 1875: 39-40).

A sentença de morte proferida pelo tribunal para todos os cinco condenados foi a tradicional pena em vigor para a alta-traição em Inglaterra desde o século XIV: enforcamento, degolação, seguido do esventramento e esquartejamento dos corpos, que eram depois exibidos em locais públicos. Por razões de decência, as mulheres condenadas por alta traição eram queimadas em vida na fogueira. Neste caso, a sentença de todos eles foi comutada pelo rei em decapitação, certamente devido à condição social dos condenados (Bellamy 1970).

### **A execução de Ana Bolena na carta-memorial**

O teor da missiva, em que se torna patente a preocupação do autor em ser objectivo, não deixa de reflectir o assombro pelos acontecimentos. O autor não parece pôr em causa a justeza das execuções, que tiveram, nas breves palavras que dedica à questão – porventura porque se lhes referira em pormenor nas anteriores e desconhecidas missivas – origem

---

(16) Os nomes surgem naturalmente adulterados, mas permitindo uma identificação indiscutível.

e motivo central «na maldade da incontinente Rainha» e no «malvado segredo» (fol. 138v) – referência crítica à acusação de incesto? – que a levou ao cadafalso; mas o tom que sobreleva, incorporando de forma expressa a narrativa da culpa, é o da piedade na visão daquele «miserável dia que avia de ser derradeyro aaquelles desaventurados que hum breue prazer trocaram por hum manifesto periguo que ultimamente passaram: e que mais estimaram que ha sua propria homrra e vida» (fol. 138v).

Na economia da narrativa, e antes da descrição da morte de Ana Bolena, o autor da carta-memorial dá, como referimos, grande destaque à decapitação de Jorge Bolena, evocando com minúcia e proximidade com as fontes inglesas o longo discurso que o irmão da rainha foi autorizado a proferir antes de ser decapitado.

A descrição dos passos da morte de Ana Bolena na 6ª feira, dia 19, não contém qualquer juízo de valor sobre a sua pessoa, focando-se na descrição circunstanciada dos acontecimentos; em todo o caso, ao longo de todo o texto, é palpável e ressalta a intensidade dramática do momento. Uma alteração no lugar exacto de execução não foi, no entanto, registada pelo autor: por lacuna, por não ter estado presente à execução como esteve no dia 17 ou, simplesmente, por considerar ser um pormenor que pouco acrescentaria à missiva, dado localizarem-se ambos na Torre de Londres. Na verdade, enquanto o irmão da rainha e os quatro outros cortesãos foram supliciados na *Tower Hill*, local imediatamente fora do recinto da Torre e perante numerosa multidão, Ana Bolena sofreu a morte na chamada *Tower Green*, espaço aberto no recinto da Torre de Londres, reservado à execução dos indivíduos de mais elevada condição social, como era o caso da rainha, e de acesso reservado.

Se, como cremos, o autor anónimo da carta de 10 de Junho de 1536 também foi testemunha ocular da execução de Ana Bolena, estaria comprovado que tinha acesso à corte inglesa, pois este acto da justiça régia, absolutamente inédito ao executar uma rainha, era resguardado do público – ao contrário do que acontecera com os outros supliciados – mas assistido por altos oficiais da corte, do conselho do rei e da aristocracia e por agentes diplomáticos e embaixadores, como o embaixador francês, Antoine de Castelnuau, ou o de Castela, Eustace Chapuys. Entre outras altas figuras da corte que assistiram ao acto encontravam-se Thomas Cromwell e Henry Fitzroy, filho ilegítimo de Henrique VIII, que morreria em Junho.

Vejamos então a descrição do acto pelo anónimo português. Erguido um cadafalso de quatro ou cinco degraus, a «mal aventurada Rainha» surgiu,

saindo acompanhada por William Kingston († 1540), capitão (*Constable*) da Torre desde 1524 (Kirk e Dale), e por quatro damas, toucada e «vestida de huma roupa de damasco preto feita de maneira que o cabo lhe ficava por de fora todo branco» (fol. 139). Rogou então ao capitão que a deixasse dirigir-se aos presentes, o que lhe foi concedido, afirmando ser vinda «somente a morrer por obedecer a vontade del Rei meu senhor: e se eu em vida ofendi a sua majestade aguora o paguo com a morte» (fol. 139v), pedindo a todos que rezassem a Deus por ela. Mas, refere o autor da carta, em momento algum confessou qualquer culpa<sup>(17)</sup>. Também a fala de Ana Bolena, tal como é referida na missiva, é singularmente próxima daquela que seria mais tarde fixada por John Foxe no seu *Book of Martyrs* (1563), onde «this worthy and christian lady» figura como mártir do protestantismo<sup>(18)</sup>.

Depois, ela própria retirou os toucados da cabeça entregando-os a uma das damas que a acompanhavam; e após cobrir a cabeça com

---

(17) Em 6 de Maio, já aprisionada, Ana Bolena escrevia a Henrique VIII, enquanto aguardava o julgamento: «You chose me from a low estate, and I beg you not to let an unworthy stain of disloyalty blot me and the infant Princess your daughter. Let me have a lawful trial, and let not my enemies be my judges. Let it be an open trial, I fear no open shames, and you will see my innocency cleared or my guilt openly proved; in which case you are at liberty both to punish me as an unfaithful wife, and to follow your affection, already settled on that party for whose sake I am now as I am, whose name I could somehow since have pointed unto, your Grace being not ignorant of my suspicion therein. But if you have already determined that my death and an infamous slander will bring you the enjoyment of your desired happiness, then I pray God he will pardon your great sin, and my enemies, the instruments thereof. My innocence will be known at the Day of Judgment.» (*Letters and Papers, Foreign and Domestic* 1887).

(18) John Foxe (1516/7-1587), *The Actes and Monuments of these Latter and Perillous Days, Touching Matters of the Church*, mais conhecido como *The Book of Martyrs*, publicado em 1563, quando já reinava Isabel I, sua filha, e época de consolidação do protestantismo em Inglaterra. Nela o autor procurou reunir as vidas de todos os mártires do proto-protestantismo e protestantismo. *The Book of Martyrs* foi fundamental para a difusão em Inglaterra do conceito de «mártir» no campo protestante, e do enraizamento do sentimento anti-católico. Escreve Foxe a propósito de Ana Bolena: «The words of this worthy and christian lady at her death were these: «Good Christian people! I am come hither to die, for according to the law, and by the law, I am judged to death; and therefore I will speak nothing against it. I come hither to accuse no man, nor to any thing of that whereof I am accused and condemned to die; but I pray God save the king, and send him long to reign over you, for a gentler, or a more merciful prince was there never; and to me he was ever a good, a gentle, and a sovereign lord. And if any person will meddle of my cause, I require them to judge the best. And thus I take my leave of the world, and of you all, and I heartily desire you all to pray for me. O Lord have mercy on me! To God I commend my soul.» And so she kneeled down, saying, «To Christ I commend my soul: Jesu, receive my soul.»» (Foxe 1837: 135). Confrontar com o texto da missiva portuguesa, no passo que interessa.

uma pequena coifa de linho, dirigiu-se às suas damas, «presentes aa minha angustiada miseria», agradecendo os seus serviços e dedicação e exortando-as a bem servir o rei e a rainha que viesse a ocupar o trono. Sentando-se então sobre os joelhos, uma das damas vendou-lhe os olhos; todas elas abandonaram o cadafalso e ajoelharam-se «chorando e derramando muitas lagrimas».

Também esta descrição coincide, em grande medida, com outros testemunhos coevos e presenciais da execução de Ana Bolena. É o caso de Lancelot de Carles, secretário do embaixador francês, Antoine de Castelnau, testemunha presencial do julgamento e da execução. A 2 de Junho de 1536, Lancelot de Carles compôs um poema sobre a vida, processo e morte da rainha, intitulado *Épistre Contenant le Procès Criminel Faict à l'Encontre de la Royne Anne Boullant d'Angleterre*, que teve apreciável circulação manuscrita, antes de ser impresso em Lyon, em 1545 (Carles 1545: 43-45).

Olhando o cadafalso e clamando «o senhor Deus aja piedade da minha alma», Ana Bolena foi então degolada «segundo o modo e costume de paris com espada: que nam era ainda usado fazerse em aquella terra de lomdres» (fol. 139). É mais uma vez factual esta afirmação: na verdade o carrasco que degolou Ana Bolena, Jean Rombaud, era um francês de Calais mandado vir expressamente pelo monarca para esta execução, realizada com espada e não com machado, como era então usual em Inglaterra, e como sucedeu com os outros cinco condenados.

Consumado o acto, o autor da carta refere como as damas tomaram conta dos seus restos mortais, depositando uma a cabeça e outra o corpo num lençol «e o poseram debaixo de huma barra que hi estaua aparelhada» (fol. 139v), sendo depois levado «dentro a huma igreja que estaua dentro na torre omde dizem que estaa emterrada com os outros» (fol. 139v). A igreja em causa é a *Chapel Royal of St. Peter ad Vincula*, igreja paroquial da Torre de Londres, onde efectivamente foram – e estão – sepultados Ana Bolena, o seu irmão Jorge e os outros quatro supliciados de 1536, entre outras figuras nobres que cometeram actos de traição contra o rei, entre as quais Catherine Howard, 5ª mulher de Henrique VIII, e Lady Jane Grey (c. 1536-1554), a «Rainha dos nove dias»<sup>(19)</sup>, bem como Thomas More e o bispo John Fisher, executados em 1535.

---

(19) Declarada rainha da Inglaterra e Irlanda por nove dias, entre 10 e 19 de Julho de 1553, após a morte de Eduardo VI. Aprisionada na Torre de Londres, foi executada em 12 de Fevereiro de 1554, reinando Maria Tudor.

A carta termina com uma referência ao destino de Isabel e de Maria Tudor, identificando-as sem lhes referir os nomes. Nela se afirma que, tendo o Conselho do rei declarado a «filha [Isabel] da Rainha ser filha de seu irmão», determinara que ela fosse afastada, «e que el Rei tornasse a tomar ha princesa filha da primeira e verdadeira Rainha de boamente por sua filha como o ella era, a qual lhe socedesse no Reino, assi como sua majestade mui benignamente e de boa vontade a recebeo» (fol. 139v). Estas palavras são bem distintas do que relatava o embaixador castelhano ao imperador Carlos V sobre a posição de Henrique VIII. Enfatizando a alegria geral pela expectativa numa «restauração» dos direitos de Maria, o embaixador Chapuys afirmava que o rei não parecia ter grande disposição para tal, mostrando-se obstinado na sua posição quando o assunto foi falado, por duas vezes, no seu Conselho<sup>(20)</sup>.

Estas afirmações finais do anónimo autor português, que se afastam do teor descritivo e factual patente na descrição das execuções, e em que de forma explícita se refere ser a filha da rainha Ana Bolena fruto de incesto, corresponderiam a informações e a rumores contraditórios das facções que se digladiavam e que então corriam em Londres? Ou a uma «parcialidade» católica por parte do autor que naturalmente veiculava para o seu correspondente em Portugal um desejo que era o de todos os católicos, dentro e fora de Inglaterra, de que Maria viesse a ser a legítima herdeira do trono inglês? Inclino-nos para esta interpretação.

Isabel foi sim, como vimos, declarada filha ilegítima de Henrique VIII em virtude da anulação, pela nova Igreja chefiada pelo rei, do seu casamento com Ana Bolena nas vésperas da sua execução, e portanto excluída da sucessão. Nunca, pelo menos oficialmente, alguém terá invocado que da infâmia do incesto tivesse havido fruto; o que não quer dizer que o rumor não corresse, como tantos outros, como aqueles que a diziam filha de Henry Norris, na turbulência dos acontecimentos e na luta de facções na corte inglesa.

## **Uma tradução inglesa no século XIX**

Adiante, pelo evidente interesse de que se reveste, publicamos a carta-memorial que fomos seguindo e analisando nos seus aspectos mais

---

(20) Importante carta de Chapuys a Carlos V, de 19 de Maio de 1536 (*Letters and Papers, Foreign and Domestic* 1887).

marcantes, dos quais um dos mais relevantes é a notória proximidade com fontes inglesas coevas. Antes, porém, um apontamento suplementar é devido, uma vez que acentua a relevância desta carta enquanto testemunho histórico. Na verdade, permanecendo manuscrita em português, ela foi pela primeira vez publicada em tradução inglesa ainda na primeira metade do século XIX, sendo considerada um dos mais completos relatos coevos e provavelmente presenciais das execuções de 1536. Em 1831 Samuel Bentley († 1868), prestigiado editor e erudito, publicava uma obra intitulada *Excerpta Historica* que procedia à publicação de um conjunto variado de fontes medievais e modernas relativas à história de Inglaterra (*Excerpta Historica* 1831). Uma delas era, precisamente, a tradução inglesa desta carta-memorial em português sobre a morte de Ana Bolena.

Como chegou ela a Inglaterra? A história é interessante e merece ser contada. Como o próprio Bentley afirma nas palavras que precedem a publicação do documento, a carta traduzida com o título de «Translation of a Letter from a Portuguese Gentleman to a Friend in Lisbon, describing the Execution of Anne Boleyn, Lord Rochford, Brereton, Norris, Smeton, and Weston», foi-lhe enviada pelo Visconde Strangford, autor da respectiva tradução a partir de um original fielmente copiado no Cartório do Mosteiro de Alcobaça.

O 6º Visconde Strangford, Percy Clinton Sydney Smythe (1780-1855) diplomata irlandês, foi embaixador do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda em Portugal na época das invasões francesas, acompanhando a família real portuguesa aquando da fuga para o Brasil, em 1807. Mais tarde foi embaixador na Suécia, no Império Otomano e na Rússia<sup>(21)</sup>. Enquanto esteve em Portugal visitou, como outros estrangeiros, o mosteiro de Alcobaça, onde fez copiar a carta para depois a traduzir para inglês. O seu conhecimento da língua portuguesa era, aliás, indiscutível, pois empreendeu a tradução das *Rimas* de Luís de Camões para inglês no início do século XIX<sup>(22)</sup>.

No final da publicação da carta-memorial (*Excerpta Historica* 1831: 261-265), que é acompanhada de algumas notas com excertos do texto português, transcreve-se um atestado da fidelidade da cópia, da autoria

---

(21) «Percy\_Smythe,\_6th\_Viscount\_Strangford», consultado em 5/5/2022.

(22) Publicado em Londres com o título *Poems from the Portuguese of Camoëns, with Remarks on his life and writings, notes, etc* em 1803, 5ª edição 1808, disponível no Google books.

de Fr. Joaquim da Cruz, então Procurador-Geral da Congregação de S. Bernardo em Lisboa, datado de 28 de Março de 1830<sup>(23)</sup>.

\*

\*\*

A morte de Ana Bolena, 2<sup>a</sup> mulher de Henrique VIII, foi um momento-chave do tumultuoso processo que contribuiu para transformar o rosto de Inglaterra na Época Moderna. Se a história é um processo complexo e multiforme, que articula dimensões que, na sua análise e compreensão de dinâmicas estruturais e colectivas, estão para lá dos protagonismos individuais, estes não deixam muitas vezes de ser visíveis e actantes. No caso dos primórdios da Reforma inglesa e das mudanças profundas de natureza política, económica e religiosa ocorridas no século XVI em Inglaterra, é impossível dissociar esse processo do recorte nítido de várias figuras. Uma delas é Ana Bolena.

Figura-chave, controversa e fascinante pela sua personalidade, pelo seu protagonismo no âmbito do poder e pela sua morte, a figura de Ana Bolena nunca deixou de suscitar o interesse de historiadores e eruditos, quer no contexto do estudo do reinado de Henrique VIII e da dinastia Tudor, quer nas biografias que pendularmente sobre ela vão sendo publicadas<sup>(24)</sup>. Para lá dos estudos académicos, a visibilidade e o interesse pela dinastia Tudor, que muitos consideram como a mais carismática da história inglesa, e pelos seus protagonistas, difundem-se por públicos muito amplos e transversais através do cinema, de séries televisivas e de romances históricos<sup>(25)</sup>, alcançando um estatuto icónico no contexto

---

(23) «Acha-se no Codex 475, e não no Codex 275 Alcobacense, donde foi tirada fielmente esta Cópia; o q atesto sob o attestado de quem a leu e fez copiar. Lx 28 de Março de 1830. Fr. Joaquim da Cruz, Pro[curador]. Geral da Cong. de S. Bernardo», seguido da respectiva tradução em inglês (*Excepta Historica* 1831: 265). Esta informação contraria, de facto, a «Memoria sobre os Codices Manuscritos, e Cartorio do Real Mosteiro de Alcobaça» de Fr. Joaquim de Santo Agostinho, in *Memorias de Litteratura Portuguesa*, Tomo V, Lisboa, 1793, que identifica ser o códice 275 a incluir a carta (Santo Agostinho 1793: 356). A identificação de Fr. Joaquim da Cruz no atestado estava correcta: o actual códice alcobacense 297 da BNP, que inclui a carta e que está na base da nossa publicação era, originalmente, o códice com o número 475. Na respectiva folha de guarda pode ver-se, a lápis: «nº antigo 475» e na linha abaixo «nº actual 297». V. *supra*, nota 15.

(24) Apenas a título de exemplo, Eric Ives, *The Life and Death of Anne Boleyn: The Most Happy*. Maldon; Oxford, Blackwell Publishing, 2005.

(25) Além da ópera em dois actos de *Anna Bolena*, de Gaetano Donizetti, estreada em Milão em 1830, e a título de exemplo: *Anne of the Thousand Days*, filme de 1969,

de uma «cultura de massas» sobre a qual a história e o seu potencial de ficção exercem um inegável fascínio. Publicamos, em seguida, a carta-memorial anónima de 10 de Junho de 1536.

**[fol. 138v] Carta que mandou hum homem de Ingraterra: a hum Senhor de Portugal em que diz a maneira em que a Rainha e alguns gentishomens foram deguolados<sup>(26)</sup>**

Avendo nos dias passados larguamente escrito a Vossa Senhoria de que maneira foram achadas as culpas da Rainha d'Ingraterra e a sorte da pena com que o Conselho del Rei julguou que ella morresse e como sua majestade se resolveu de executar ha pena em a pena do irmão da Rainha e daquele que mais com embeja e ceumes que amor que teuesse a El Rei descobrio o maluado secreto em companhia dos outros que juntamente concurriam na maldade da incontinente Rainha.

Pareçome aguora não somente necessario por isto mas pareçome obrigatorio escreuerlhe ho que aconteceo naquele cruel auto da justiça. Vindo aquelle miseravel dia que avia de ser derradeyro aaquelles desaventurados que hum breue prazer trocaram por hum manifesto periguo que ultimamente passaram, e que mais estimaram que ha sua propria homrra e vida.

Fizeram hum cadafalso diamte de huma torre de Lomdres huma quarta feira que foram XVII de mayo e trouxeram pera elle da torre omde estavam em prisão o irmão da Rainha com os quatro gentis homens culpados presos e guardados daquela manera que guardam

---

protagonizado por Richard Burton, na figura de Henrique VIII, e Geneviève Bujold como Ana Bolena, adaptação cinematográfica de uma peça de teatro de 1948 do dramaturgo Maxwell Anderson; *The Tudors*, série da BBC com 4 temporadas e 38 episódios, inicialmente transmitida entre 2007 e 2010; *Wolf Hall*, romance histórico de Hillary Mantell, publicado em 2009, primeiro de uma trilogia e aclamado e premiado pela crítica, também ele adaptado a série pela televisão britânica, que tem Thomas Cromwell como figura central da trama. Muitas outras obras, de maior ou menor alcance, poderiam ser referidas.

(26) Na transcrição do documento foram seguidos os seguintes critérios: desenvolvimento de abreviaturas; actualização de minúsculas e maiúsculas; actualização da pontuação; assinala-se com [?] quando há dúvidas de leitura; a abertura de parágrafos é a original; os discursos directos foram colocados entre aspas.

todos os compreendidos em taes feitos. E mi lort [sic] de Recejafort<sup>(27)</sup> que assi avia nome o irmão da Rainha disse diante de toda a cidade que estava presente tres vezes em voz mui alta: «O vos outros senhores e cristãos eu sam naçido debaixo da lei. E mouro debaixo da lei, e ha lei me ha condenado. Senhores meus eu não sam aqui vindo pera vos preguar mas pera morrer; e por que ja não posso desejar outra cousa em este ponto em que aguora me acho senão banhar os meus beijos secos e mesquinhos em a viva fomte da eterna e infinita misericordia de Deos vos roguo pela sua infinita bondade que vos apraza de lhe roguar por mim. Por que eu nam neguo ter merecida a morte ainda que tiuera mil vidas e de morrer com mais desomrra e vituperio que imaginar se podesse. Empero [?] eu sam hum misero pecador que grauemente pequei e não conheço mais mao e peruerso pecador que eu. E nam vos quero abertamente contar meu [sic] pecados assi como passaram, a lembrança dos quaes vos não daria prazer em os ouvir nem a mim descanso em os contar: abaste que Deus os conheçe todos. [fol. 139]. Portanto vos outros Senhores meus e gemptiys homens da corte com os quais eu tiue conversação, Roguouos por o amor de Nosso Senhor que uos guardeis de cahir em nenhuns erros. E tomai exemplo em mym e assim peço e roguo ao Padre Filho e Spirito Santo que sam três pessoas e hum soo Deus que minha morte possa ser a todos exemplo e de muitos castiguo para nam pordes esperança nas variedades deste mundo e especialmente nas lisomjarias da corte e nos fauores e mentiras da fortuna. A qual aleuanta os homens nam por mais que por os derribar de mais alto e darlhe [sic] mayor queda na terr: assi como aguora vedes que me fez cortar ha cabeça e o pescoço. Abaste que de todo o meu mal eu fui a causa e a mim ponho a culpa nem me deuo de doer se nam d' haver querido usar desta fortuna que assi se me mostrou lisomgeira e muito emguanosa donde com muita razão eu sam exemplo a vos outros e a todo o mundo. E vos Senhores meus vos deveis olhar neste meu desastrado caso: e daqui peço misericordia ao Senhor Deus e perdoe a todo ho mundo de coração e vomtade como praza a Nosso Senhor que me perdoe a my e se eu tenho ofendido alguém que aqui presente nam seja que da minha parte lhe peçais perdam quando ho virdes pera que se eu vivi como pecador que ao menos moura como christão.

---

(27) Jorge Bolena (c. 1504).

Nam leixarei ainda Senhores meus de vos dizer ho que convenientemente se pode dizer: que eu fui grande ledor e argumentador da palavra de Deus e eu fui hum daqueles que muito fauoreçerão o euangelho de Jhesu Christo. E por que eu não queria que a palavra de Deus fosse por mim escandalo a nenhum vos diguo Senhores que se eu ouvera guardado em obras ha palavra de Deus assi como ha eu lia e argumentaua com todas as minhas forças eu sam bem certo que me não aconteçera ho caso em que aguora me acho. Eu lia mui bem o evangelho de Jhesu Christo: mas não daua a efecto ho que lia ho qual se eu fizera não cahira em tamanho erro pella qual cousa ha todos vosoutros roguo e peço pello amor do senhor Deus que mantenhaes ha verdade e ha siguaes e abraçais como he rezão porque sem comparação mais guanha o que não lee e obra bem que muitos culpados que lem». Tamto que isto disse assemtousse em giolhos e foi loguo deguolado. E assi também ho foram os outros quatro gentishomens: hum chamavão monsenhor de Naston<sup>(28)</sup> e outro Noris<sup>(29)</sup> camareiro moor del Rey: e outro Breton<sup>(30)</sup> e outro Marco<sup>(31)</sup>: os quaes nam disseram mais senão que roguassem a Deus por eles: E que tomauam a morte de grado e por suas vontades.

A Rainha foi depois deguolada a sexta feira seguinte XIX dias do dito mês segundo o modo e costume de paris com espada que nam era ainda usado fazerse em aquella terra de lomdres: onde foi feito hum cadafalso de quatro ou çimquo degraos. E sendo a mal aventurada Rainha ajudada do capitão da torre sahio com quatro damas que a acompanhauão vestida de huma roupa de damasco preto feita de maneira que o cabo lhe ficaua por de fora todo bramco. Roguou ao capitão que lhe não apressasse ha morte ate que ella podesse dizer alguma cousa o qual lhe foi concedido e ella começou desta maneira. [139v] «Nam sam vinda aqui amiguos meus por me querer emcobrir nem escusar por que sei mui bem que nenhuma cousa que por minha justificação podesse acontecer seria por caber com uosco nem por isso esperar remedio de vida. Mas sam uinda somente a morrer por obedecer a vontade del Rei meu senhor e se eu em vida ofendi a sua majestade aguora o paguo com a morte da qual nam dou culpa aos juizes nem a outra alguma pessoa mais que a cruel lei da terra que he

---

(28) Francis Weston (n. 1511).

(29) Henry Norris (c. 1482).

(30) William Brereton (c. 1487).

(31) Mark Smeaton (c. 1512).

soo a que me condena. Mas como quer que isto seja e como quer que ha eu tenha merecido amigos meus a todos vos roguo que rogueis muito ao Senhor Deus pella vida del Rei meu senhor e vosso o qual he hum dos bons príncipes que pode aver no mundo e me tratou sempre tam bem como melhor nam era possivel pello qual eu tomo a morte de boa vontade e peço perdão a todo o mundo». E ella mesma tirou os toucados da cabeça e deu os a huma das damas: e apretando huma pequena coifa de linho pera cobrir com ella hos cabelos começou a dizer: «Ay cabeça que daqui a pouco seras vista morta em çima deste cadafalso, e assi como em minha vida não mereceste trazer coroa de Rainha, assi morta nam deues estar doutra maneira. E vos minhas filhas que em vida vos mostrastes mui diligentes a meu serviço e aguora na morte vos achaes presentes aa minha angustiosa miséria, e como na boa fortuna fizestes sempre companhia a este corpo assi aguora o acompanhais no seu miseravel fim. E não vos podendo eu dar outro gualardão de vossos serviços vos conforto alembro e roguo que queiraes sempre ser fiees a el rei vosso senhor e aaquella que com melhor fortuna sera vossa senhora e rainha estimai vossa homrra mais que a vida e roguai ao Senhor Deus pella minha alma». E não podendo mais falar se assentou em giolhos, e huma daquelas damas lhe cobrio os olhos. E tirando-se afora se assentaram em giolhos diante do cadafalso chorando e derramando muitas lagrimas. E assi foi deguolada a qual sem querer que doutra maneira a tivessem, nem aver confessado alguma cousa de sua culpa. Olhou tam somente para o cadafalso e disse: «o Senhor Deus aja piedade da minha alma». E huma das ditas damas lhe tomou a cabeça e outra o corpo; e posto sobre hum lemçol o poseram debaixo de huma barra que hi estaua aparelhada: e leuaramno dentro a huma igreja que estaua dentro na torre omde dizem que estaa emterrada com os outros<sup>(32)</sup>.

O Conselho decrarou emtam a filha da Rainha ser filha de seu irmão e que como criatura priuada fosse leuada daquele lugar. E que el Rei tornasse a tomar ha princesa filha da primeira e verdadeira Rainha de booamente por sua filha como o ella era, a qual lhe socedesse no Reino, assi como sua majestade mui benignamente e de boa vontade ha recebeo. Outra cousa me não ocorre senão beijar as mãos e recomendarme como faço em sua graça: de londres a X de Junho de 1536.

---

(32) *Chapel Royal of St. Peter ad Vincula*, na Torre de Londres.

## Bibliografia

- Bellamy, J. G. (1970). *The Law of Treason England in the Later Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Buescu, Ana Isabel (2007). *Catarina de Áustria (1507-1578), Infanta de Tordesilhas rainha de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Cardim, Pedro (2004). “A diplomacia portuguesa no tempo de D. João III. Entre o império e a reputação”, in Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos (dir.), *D. João III e o Império. Actas do Congresso Internacional Comemorativo do seu Nascimento*. Lisboa: CHAM e CEPCEP, 627-660.
- Carles, Lancelot de (1545). *Épistre Contenant le Procès Criminel Faict à l'Encontre de la Roynne Anne Boullant d'Angleterre*, Lyon: s.n. <https://gallica.bnf.fr/view3if/ga/ark:/12148/bpt6k71312g/f3> (consultado em 4 /5/2022).
- “Carta que mandou hum homem de Ingraterra: a hum Senhor de Portugal em que diz a maneira em que a Rainha e alguns gentishomens foram deguolados” [1536], in *Orações proferidas em actos públicos, cartas de reis, príncipes e outras personalidades da história... [1526-1575]*. BNP, ALC. 297, fols. 138-139v. <http://purl.pt/26162>.
- Excepta Historica, or Illustrations of English History* (1831). Londres: Printed by and for Samuel Bentley, <https://archive.org/details/excerptahistoric00bentuoft/page/n5/mode/2up> (consultado em 5/5/2022).
- Foxe, John (1837). *The Acts and Monuments*. Cattley, Stephen Reed (ed.). Londres: R. B. Seeley and W. Burnside. <https://archive.org/details/actsandmonument03towngoog/page/134/mode/2up> (consultado a 8/5/2022).
- Henry VIII. Man and Monarch* (2009). Exhibition curated by David Starkey, British Library curator Andrea Clarke, catalogue ed. Susan Doran. Londres: The British Library.
- Hutchinson, Robert (2012). *Young Henry. The Rise to Power of Henry VIII*. London: Phoenix.
- Ives, Eric (2009). “The Turning Point (1527-1529)”, in *Henry VIII. Man and Monarch*, exhibition curated by David Starkey, British Library curator Andrea Clarke, catalogue ed. Susan Doran. Londres: The British Library, 107-125.
- Kirk, L. M. e Dale, M. K.. “Kingston, Sir William 1476-1540”. *The History of Parliament Trust 1964-2015*, <http://www.historyofparliamentonline>.

- org/volume/1509-1558/member/kingston-sir-william-1476-1540 (consultado em 22/12/2022).
- Letters and Papers, Foreign and Domestic, Henry VIII* (1887). vol. 10. Edited by James Gairdner. Covers the period January to June 1536. Originally published by Her Majesty's Stationery Office, Londres. <https://www.british-history.ac.uk/letters-papers-hen8/vol10/> (consultado em 6/5/2022).
- Marshall, Peter (2009). "The Crisis of 1536", in *Henry VIII. Man and Monarch*, exhibition curated by David Starkey, British Library curator Andrea Clarke, catalogue ed. Susan Doran. Londres: The British Library, 163-183.
- Muñoz Páez, Adela (2022). *Brujas. La locura de Europa en la Edad Moderna*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial.
- Papeis da embaixada de inglaterra e da jornada de Castela sobre a ida da infanta D. Maria, com outros varios, todos do tempo do senhor Lourenço Pires de Távora*, fols. 1-14. ANTT, PT/TT/CF/053 <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4615715>
- Rex, Richard (2011). *The Tudors*. Stroud: Amberley Publishing.
- Rice, Eugene e Grafton, Anthony (1994). *The Foundations of Early Modern Europe, 1460-1559*, 2ª ed.. Nova Iorque/Londres: W. W. Norton & Company.
- Santo Agostinho, Frei Joaquim de (1793). "Memoria sobre os Codices Manuscritos, e Cartorio do Real Mosteiro de Alcobaça", in *Memorias de Litteratura Portugueza*, Tomo V. Lisboa: Academia Real das Ciências. <http://purl.pt/71>
- Spender, Anna (2015). "The many faces of Anne Boleyn", <https://gio6v3sgme0lorck1bp74b12-wpengine.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2015/02/The-many-faces-of-Anne-Boleyn-UPDATED.pdf> (consultado em 7/5/2022).
- Starkey, David (2002). *The Reign of Henry VIII. Personalities and Politics*. Londres: Vintage Books.
- « - » (1987). "Intimacy and innovation: the rise of the Privy Chamber, 1485-1547", in David Starkey, D. A. L. Morgan, John Murphy, Pam Wright, Neil Cuddy and Kevin Sharp, *The English Court: from the Wars of the Roses to the Civil War*. Londres e Nova Iorque: Longman, 71-118.
- Tucker, M. J. (1991). "El niño como principio y fin: la infancia en la Inglaterra de los siglos XV y XVI", in Lloyd deMause (dir.), *Historia de la infância*. Madrid: Alianza Editorial, 255-285.

Weir, Alison (2008). *Henry VIII. King & Court*. Londres: Vintage/Random House.

Wilson, Derek (2016). *Henry VIII. Reformer and Tyrant*. Londres: Robinson.

Wriothesley, Charles (1875). *A Chronicle of England during the Reigns of the Tudors from A.D. 1485 to 1559*. Hamilton, William Douglas (ed.). [Westminster]: Printed for the Camden Society <https://archive.org/details/achronicleengla04hamigoog/page/n8/mode/2up?view=theater> (consultado em 4/4/2022).

Wikipédia

[https://en.wikipedia.org/wiki/Percy\\_Smythe,\\_6th\\_Viscount\\_Strangford](https://en.wikipedia.org/wiki/Percy_Smythe,_6th_Viscount_Strangford)

[texto escrito no antigo acordo ortográfico]